resenhas

Mulheres histéricas

ELISABETH DA ROCHA MIRANDA

Resenha do livro: *Mulheres histéricas*, de Vera Pollo.
Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003

MULHERES HISTÉRICAS FOI ELABORADO a partir da tese de doutorado de Vera Pollo, defendida em novembro de 1997 no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob a orientação de Maria Anita Carneiro Ribeiro.

A autora parte de uma pergunta genuína, que traz em seu bojo o desejo de investigar a validade de uma assertiva repetida por muitos, a de que "não se fazem mais histéricas como antigamente". Em sua investigação, Vera atravessa os conceitos de estrutura, sintoma, questão, discurso e tipo clínico, para então discutir a política da histeria, tema que é o cerne do livro.

O primeiro capítulo do livro contém uma primorosa descrição da imagem da mulher desde Platão até Freud, evidenciando a maneira como a histeria se tornou uma das principais doenças do sexo feminino. A histérica desfila seus sintomas e provoca comentários e teorias que inicialmente equiparam histeria e sensualidade exacerbada, e posteriormente afirmam que ela não se inclina, em absoluto, aos prazeres sexuais. Da imagem da mulher que a um só tempo velava e desvelava a hiância entre o corpo histérico e o campo do saber médico, a histérica de nossos dias "faz a lógica do gozo feminino".

Com Freud, a histeria adquire estatuto de estrutura, invertendo o aforismo "cessada a causa cessam os efeitos", como bem observa a autora em seu minucioso estudo do texto freudiano. Nesse ponto, Vera desenvolve os conceitos-chave que, surgindo em diferentes momentos na obra de Freud, constituem o suporte da estrutura do sintoma histérico. Os conceitos de fantasia inconsciente, trauma, identificação e complexos de Édipo e de castração são articulados às especificidades do recalque na histeria, em que "a lembrança se comporta como evento". Com um estilo que prima pela clareza e elegância, a autora situa o modo como Freud concebeu a "arquitetura histérica" ao localizar as razões que o levaram a afirmá-la como uma neurose eminentemente feminina.

No terceiro capítulo, percorremos com a autora a original articulação entre histeria e adolescência da menina. Vera se utiliza de casos clínicos de sua experiência para fornecer alguma especificidade ao sintoma da adolescência feminina. Uma primeira observação é valiosa e dá uma indicação clínica precisa: na histeria, sempre há a presença de um certo *indecidível*, seja entre homem e mulher ou entre o lugar do todo e da exceção.

Com o caso Glória, uma histérica homossexual, a autora discorre sobre a precisão do diagnóstico diferencial em relação à estrutura e à homossexualidade, pontuando a diferença entre o "fazer-se como um homem de desejo" da histérica e o "fazer-se como um homem de gozo da homossexual." No caso Márcia, os sonhos revelam o desejo feminino, desejo de falo, sem dúvida, mas também um desejo que apela a uma nova ordem. Utilizando-se de uma escuta clínica que encanta pela precisão, Vera demonstra a teoria lacaniana de que a sexualidade se divide em três grandes etapas: o sexo anatômico ou "real mítico do sujeito", o discurso sexual e a sexuação lógica.

E retoma o debate ocorrido nos anos 1920 e 1930 sobre a sexualidade feminina, percorrendo a doutrina dos psicanalistas que dele participaram e contrapondo-a aos trabalhos eminentemente clínicos de Freud. Para a autora, a maior importância desse debate é constatar a emergência dos primeiros desvios teóricos em relação à teoria freudiana da sexualidade feminina, bem como ressaltar que a resposta de Freud era invariavelmente a mesma: "isso não corresponde a minha clínica". Lacan retoma as observações clínicas de Freud para desenvolver o que ficou conhecido como "as fórmulas lacanianas da sexuação", tão claramente descritas no texto. A posição da mulher situada por Lacan entre o gozo fálico e o lugar vazio d'A Mulher, gozo indizível, é articulada pela autora à posição do psicótico, o qual "sem estar entre deve inventar para si próprio uma sexuação inédita."

O capítulo em que trata da relação entre discurso e tipo clínico traz a observação do que Lacan, mantendo-se rigorosamente freudiano, pode aprender com as histéricas para além de Freud. Para Lacan, o que interessa aos sujeitos histéricos é a construção de um nome que se inscreva em determinada linhagem familiar. A histeria o levou a distinguir entre o pai que nomeia – função simbólico-imaginária – e o pai do nome – função simbólico-real –, nos diz Vera.

O capítulo "Histeria e política" aborda as relações entre política e a política própria do inconsciente, com a qual lida a

psicanálise. A sexualidade feminina determina o que seria uma política de mulheres, e a política da histeria é situada na tensão entre uma e outra. A política das mulheres não se confina à *penisneid*, situada por Freud como o rochedo intransponível na análise de uma histeria. A feminilidade interroga a metapsicologia freudiana e o texto avança com a discussão das teorias propostas por vários autores. Lacan, com a releitura da significação fálica no texto freudiano, acrescenta à relação do sujeito com o falo o "ser", pressuposto necessário e logicamente anterior ao advento da questão neurótica "ter ou não ter." Ser o falo é antinômico ao ser feminino, porque instaura a completude do Outro. Assim, homens e mulheres não podem ser pensados com base na mesma lógica, o que leva a autora a dizer que "a lógica fálico-masculina e a lógica feminina do real são registros diferentes do pensar e do dizer." A interpretação de Vera da teoria dos discursos, amplamente trabalhada neste capítulo, situa com clareza e precisão a política das mulheres e a política das histéricas.

O texto traz de volta a irredutibilidade da política da histeria, que não se rende às manobras da política econômica e social, a serviço do discurso do mestre ou da ciência. É o que nos dizem Berta Pappenheim, a famosa paciente de Freud, e Chiquinha Gonzaga, a maestrina. Segundo a autora, a vida de Bertha demonstra tanto a função civilizadora da histeria quanto sua traição ao governo totalitarista da época. Chiquinha, por sua vez, põe em cena um desejo que jamais se satisfez. Ambas servem de demonstração da política da histeria, que opera "a mais estrita equivalência entre histeria e história". Como desenvolve Vera, elas construíram para si um nome próprio porque souberam passar ao mundo o objeto de sua fantasia, seu sintoma incurável, "viveram entre os homens como Um Homem".

Mulheres histéricas vem a público em um momento precioso, este em que a psiquiatria tenta abolir a histeria de sua nosografia. Os modernos manuais de diagnóstico, usados nos serviços públicos de saúde mental, eliminaram as antigas entidades nosológicas e instituíram novas categorias e classificações. O diagnóstico diferencial se embaralha e perde sua função de situar o clínico perante o particular de cada sujeito. O livro de Vera sustenta a aposta no discurso do analista e trata com rigor conceitual a política da histeria, a partir do que nela "não se cura," ou seja, o desejo de desejo de desejo.